

A INSTITUIÇÃO ESPORTIVA E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO CORPO DESPORTISTA¹

Ivan Marcelo Gomes²

Universidade do oeste do Paraná
Centro de ensino Superior de Foz do Iguaçu

RESUMO: O presente texto tem como objetivo compreender como os atores que interagem na Educação Física constroem suas significações sobre o corpo. A abordagem terá como estudo o corpo desportista na modernidade. A base teórica desta análise é a teoria da estruturação de Anthony Giddens, na qual salientamos o conceito de monitoração reflexiva. Para um desencadeamento da reflexão, optamos por ilustrar a inserção das práticas esportivas no Brasil e sua gradual relevância para o entendimento das ações no interior da Educação Física, aqui chamada de instituição acadêmica desportista brasileira. A partir daí, procuramos apontar mudanças em relação às práticas esportivas na atualidade e as conseqüências dessas modificações para a instituição em questão.

Palavras-chave: sociologia; educação física; esporte; corpo; reflexividade.

THE SPORTING INSTITUTION AND THE INSTITUTIONALISATION OF THE SPORTING BODY

ABSTRACT: The objective of the present article is to understand how the agents who interact with physical education build up their signification about the body. The approach has the sporting body in modern times as the subject of study. The theoretical basis of this analysis is the structuration theory by Anthony Giddens, in which we highlight the concept of reflexive monitoring. To trigger reflection we opted for the illustration of the insertion of sporting practices in Brazil and their gradual relevance on the understanding of the actions within Physical Education, which is called here Brazilian academic sporting institution. Based on this, we attempt at pointing out the changes related to the sporting practices nowadays, and the consequences of these modifications on the institution in question.

Keywords: sociology; physical education; sport; body; reflection.

Introdução

Dentro de uma perspectiva sociológica, podemos caracterizar o corpo desportista como uma construção reflexiva, formada por diferentes sistemas (médico, militar e mercantil) contextualizados na modernidade, cujos objetivos principais foram disciplinar os indivíduos para a sociedade do trabalho e fazer da prática desportiva um modelo de referência para o trabalhador moderno. O corpo desportista constitui o ideal de saúde, moral e

disciplina que deveria possuir todo cidadão, em particular o trabalhador operário.

Esta análise justifica-se em virtude de que o mundo moderno ocidental, (*a modernidade refere-se a um período que emerge na Europa a partir do século XVII que representa um novo estilo, novos costumes e uma nova organização social que se expandiu em larga escala por outros lugares do planeta (GIDDENS, 1991). Esse período caracteriza-se também, por uma crença inabalável no progresso e na ordem, tendo a ciência um local privilegiado*) pelas experiências da secularidade e da racionalização, proporcionou novas representações sobre o corpo que, antes, tinha sua imagem atrelada a questões sagradas. No

¹ Este texto faz parte da Dissertação de Mestrado, do autor, intitulada *O corpo desportista moderno: disciplina e reflexividade na instituição acadêmica brasileira* realizada no Programa de pós-graduação em Sociologia – Ppgs da Universidade Federal de Pernambuco-UFPe

² Graduado e Especialista em Educação Física, Mestre em Sociologia pelo Ppgs/UFPe. Docente dos Cursos de Pedagogia da Unioeste/Cascavel e Educação Física do Cesufoz e membro dos Colegiados dos respectivos cursos. Integrante do GRECO (Grupo de Estudos sobre Corporeidade) da Unioeste/Cascavel. ivangomes@unioeste.br

século XIX, a ciência assume o papel de perpetuadora da verdade, sendo o corpo visto como unidade formada de músculos e nervos que podia ser objeto do conhecimento racional e médico, como também podia ser disciplinado pelos militares e pelo Estado com o intuito de maior eficácia das atividades capitalistas e industriais.

O interesse sociológico no corpo desportista justifica-se no fato dele refletir a emancipação de um ator social autônomo e individualizado, ao contrário dos servos e escravos dos tempos anteriores, cujos corpos (físico, emocional e mental) pertenciam ao rei, ao senhor feudal ou a Deus. Mas, o entendimento deste processo de nascimento do ator social moderno e urbano exige uma teoria que não reduza este ator nem o indivíduo racionalista autônomo (teorias liberais e racionalistas), nem a visão estruturalista que elimina a especificidade do sujeito. Nesse sentido é que optamos pela teoria da estruturação de Anthony Giddens como base teórica desse texto, pois ela permite entender o novo ator social como uma estrutura reflexiva e pensante da modernidade, formado por sistemas, registros e monitoramentos. Ou, como indica o próprio GIDDENS (1989):

O domínio básico de estudo das ciências, de acordo com a teoria da estruturação, não é a experiência do ator individual nem a existência de qualquer forma de totalidade social, mas as práticas sociais ordenadas no espaço e no tempo. As atividades sociais, humanas no espaço e no tempo. As atividades sociais, humanas, à semelhança de alguns itens auto-reprodutores na natureza, são recursivas. Quer dizer, elas não são criadas por atores sociais, mas continuamente recriadas por eles através dos próprios meios pelos quais eles se expressam como atores. Em suas atividades, e através destas, os agentes reproduzem as condições que tornam possíveis essas atividades (p. 02).

O corpo desportista, como estrutura reflexiva, está interligado com sistemas sociais conectados à maneira com que determinadas instituições básicas da modernidade intervêm na prática social para monitorar a ação do sujeito, fazendo com que a reflexividade se verifique dentro de certos limites disciplinares oferecidos pela ordem do poder. Nesse sentido, os sujeitos não restringem suas ações aos

aspectos meramente individuais, mas devem conectá-las ao contexto da ação. Esta análise insere-se no que GIDDENS (1989) denomina como monitoração reflexiva:

Aquilo a que chamo de um modelo de estratificação do self atuante envolve tratar a monitoração reflexiva, a racionalização e a motivação da ação como conjunto de processos incrustados. [...] Em circunstâncias de interação – encontros e episódios – a monitoração reflexiva da ação incorpora tipicamente, e uma vez mais rotineiramente, a monitoração do cenário onde essa interação se desenrola. [...] esse fenômeno é básico para a interpolação da ação dentro das relações espaço-temporais que designarei por ‘co-presença’ (p. 03).

Ressaltando a capacidade dos atores de monitorar a ação através da reflexividade, ele busca não restringir a ação ao plano micro-social, sendo também esta ação observada em relação ao contexto mais geral. O esporte permite estes encontros nos quais os atores sociais interagem num processo em que, ao mesmo tempo em que se valoriza o desempenho pessoal, procuram limitar esta ação às regras sociais relativamente rígidas, como se observa em esportes populares como o futebol.

O corpo desportista pode ser focado de diversas formas, mas neste estudo, ele é privilegiado no interior da instituição acadêmica desportista. Portanto, o nosso olhar referente ao corpo desportista está intimamente relacionado com aspectos que perpassam esta instituição disciplinar (esse período será identificado no texto como baixa modernidade. O que denominamos como recurso que GIDDENS (1991) define como modernidade simples. O autor apresenta, como uma das características dessa modernidade, a menor capacidade reflexiva das instituições, contribuindo, assim, para que os atores sociais apresentassem uma atitude menos reflexiva socialmente do que na atualidade. Nesse sentido, ressalta-se uma ênfase disciplinar).

O período de surgimento do esporte moderno enquadra-se na obra de Giddens dotado de características transitórias e com possibilidades reflexivas menores do que o contexto atual. Esse mesmo período é caracterizado por LASH (1997) como o de uma

modernidade simples. Nesse sentido, esse período se caracterizaria como uma transição para as sociedades plenamente modernas e reflexivas, sendo o impulsionador destas mudanças o processo de individualização (LASH, 1997, p. 139). Pode-se observar, nesta abordagem e, principalmente, na de Giddens, que não existe uma ruptura sistemática entre a tradição e a modernidade advindo daí que aspectos tradicionais foram necessários para a consolidação da modernidade.

GIDDENS (1997) também aponta alguns traços deste período transitório e ser vínculo entre tradição e modernidade. Dentre esses, pode-se destacar o papel da ciência como perpetuadora da verdade e o apelo ao não questionamento de sua autoridade, mantendo, assim, uma identificação com o não questionamento da verdade das tradições. A baixa modernidade apresentava uma crença demasiada na *verdade científica*. Em contextos da alta modernidade (a visão complexa da vida social, empreendida por Giddens e que poderíamos visualizar como uma análise *não excludente* dos fatores que constituem a sociedade, pode ser exemplificada com seu conceito de alta modernidade. O termo alta-modernidade reflete uma radicalização da modernidade, ao mesmo tempo em que aponta para novos estilos de vida que divergem daqueles cunhados pela baixa modernidade. Esse período atual denota uma maior capacidade reflexiva das instituições), essas noções são reelaboradas, visto que as constantes revisões e interpretações do conhecimento abalam essa crença (GIDDENS, 1991).

Um dos aspectos desse dinamismo, e que está mais ligado aos objetivos deste trabalho, refere-se a

[...] ordenação e reordenação reflexiva das relações sociais à luz das contínuas entradas (inputs) de conhecimento afetando as ações de indivíduos e grupos (GIDDENS, 1991, o. 25).

Dessa forma, percebemos que as práticas corporais na atualidade enquadram-se neste processo de reflexividade institucional, visto as constantes renovações do conhecimento em relação a elas, através dos especialistas que se debruçam sobre a temática.

A análise da instituição esportiva permite compreender a vinculação de princípios

modernos com a imagem do corpo desportista. Através das práticas e das instituições esportivas, pode-se observar como essas propiciam a idéia de disciplina, tanto em aspectos morais como em relação a aspectos da saúde, embutida de uma visão racional e competitiva. Com o intuito de vincular a instituição esportiva dentro dos nossos objetivos, abordamos a inserção esportiva na instituição acadêmica desportista brasileira.

A Moderna Instituição Esportiva

O esporte moderno surgiu em meados do século XVIII na Europa, resultante de um processo de modificação de elementos.

Da cultura corporal de movimento das classes populares inglesas [...] e também, de elementos da cultura corporal de movimento da nobreza inglesa (BRACHT, 1997, p. 09).

A intensificação desse processo acontece no final do século XIX e início do século XX. A partir daí, ele expande-se para o resto do mundo. SEVCENKO (1994) confirma esse fenômeno ao salientar a origem de diversas práticas esportivas a partir de transformações [...] de inúmeras práticas lúdicas arcaicas, tanto provenientes da aristocracia quanto grupos populares.

HELAL (1990) aponta que o esporte moderno surgiu sem nenhuma relação com o sagrado, com o religioso, diferentemente dos jogos presentes nos rituais das sociedades tradicionais. A partir daí, apresenta duas características básicas dessa prática: a secularização e a racionalização. Guttmann apud BRACHT (1997) esmiuçou estas características ao enfatizar a secularização, igualdade de chances, especialização dos papéis, racionalização, burocratização, quantificação e busca do recorde. Tais características denotam o espírito moderno presente no esporte.

Segundo BOURDIEU (1983), os jogos tradicionais não cumpriam mais suas funções sociais e só foram exercer uma nova função ao serem revalorizados na escola pública inglesa, freqüentada pelos filhos da aristocracia e da grande burguesia. Nessas escolas, os jogos foram adotados de uma nova função, constituindo-se em exercícios corporais e enquadrados num calendário específico (o autor salienta também que o aparecimento dos

esportes é contemporâneo à *constituição de um campo de produção de 'produtos esportivos'* p. 138). Desta forma, apresenta o esporte um meio disciplinar que propiciava a ordem pública. Essas instituições perceberam que:

Quando os alunos estão no campo de esportes, é fácil vigia-los, dedicam-se a uma atividade 'sadia' e direcionam sua violência contra os colegas ao invés de direcioná-la contra as próprias instalações ou de atormentar seus professores. Sem dúvida, esta é uma das chaves da divulgação do esporte e da multiplicação das associações esportivas que, originalmente organizadas sobre bases beneficentes progressivamente foram recebendo o reconhecimento e a ajuda dos poderes públicos (p. 146).

Essas interpretações permitem com facilidade uma vinculação com o adestramento corporal efetuado por instituições disciplinares dentro da ótica foucaultiana (FOUCAULT, 1983). Os corpos passam a ser vigiados em contextos disciplinares e estritamente regulamentados.

Para uma análise da crescente desportivização na Educação Física brasileira, no século XX, torna-se necessário um entendimento da inserção do esporte no contexto nacional, permitindo uma maior clareza quanto a dimensão do fenômeno esportivo na constituição do *corpo* na educação Física brasileira.

O século XIX no Brasil apresentou-se como um período pouco propício para a difusão esportiva. Isso ocorreu devido ao fato de que o espaço urbano pouco contribuía para a construção de redes de solidariedades, como também os preconceitos em relação aos exercícios físicos, naquela sociedade tradicional, impunham barreiras para a absorção de tais práticas. Evidenciava-se, assim, a inexistência de esportes praticados ao ar livre, demonstrando práticas cotidianas diferentes do contexto europeu, principalmente o inglês, no qual os esportes eram cada vez mais absorvidos (JESUS, 1999).

A passagem para o século XX corresponde à tentativa de inserção do Brasil aos princípios da modernidade. O esporte, por ser um fenômeno originado em países vinculados a modernidade européia e por apresentar tais valores modernos, começa a ser recebido num ambiente mais propício para seu

alastramento no país. Um outro fator que contribuiu para esta difusão esportiva foi o imenso comércio portuário com a Inglaterra, durante o século XIX e início do século XX, visto que as práticas esportivas trazidas pelos ingleses foram sendo assimiladas nas cidades portuárias (JESUS, 1999). O mesmo processo de difusão ocorreu, no século XX, com a presença das companhias ferroviárias inglesas no interior paulista.

Essa tentativa de enquadramento do Brasil ao *espírito* moderno começou a configurar novas significações em torno do corpo, contribuindo para uma maior aceitação em relação às práticas esportivas, tendo-se em vista que estas práticas eram consideradas como um fenômeno civilizador vindo da Europa. Segundo (JESUS, 1999):

Na última década do século XIX, o movimento de adesão aos esportes e ao lazer ao ar livre adquiriu força e velocidade inéditas, inserindo-se na perspectiva da retomada dos espaços públicos e de liberação dos costumes: assistiu-se à ascensão da figura do sportsman, que aposentou o pince-nez e o ar de austeridade do vestuário escuro e pesado para expor alegre e publicamente seus músculos. [...] surgiu, no início do século XX, uma nova geração bem distinta daquela que proclamou a República, formada de homens lânguidos e raquíticos, sempre enrolados em grossos cache-nez de lã (p.25).

Associados a este processo de difusão esportiva emergiram outras preocupações vinculadas a modernidade européia como os cuidados com a saúde e a higienização da população. Na metade do século XIX, começam a ser detectadas preocupações com o alastramento de epidemias. Recomendavam-se banhos de mar para evitar problemas de saúde. Esse contexto favoreceu a implantação de esportes em algumas cidades brasileiras, dado à estrita vinculação entre esporte e saúde. Segundo MELO (1999), essas preocupações a partir do século XIX:

Foram fundamentais o esboçar de uma cultura burguesa, a valorização de padrões de vida saudáveis e de um corpo belo e forte, o gosto e a difusão do 'pensamento científico', a emergência e a valorização do lazer e a busca de novas formas de sociabilidade (p. 65).

A difusão esportiva em espaços públicos fez com que o esporte se tornasse cada vez mais popular no século XX. Azevedo, no início do século XX, apontava a importância do esporte naquele contexto e enfatizava os princípios modernos desta prática. Segundo AZEVEDO (1915):

[...] pelos atrativos especiais que encerram [os esportes] para a mocidade, que sem eles atualmente nunca se teria dedicado bastante à cultura do corpo, e enfim, pela facilidade com que apaixonam as multidões, são uma diversão agradável, contribuindo um fator notável da extensão da educação física. Os desportos são incontestavelmente um elemento moralizador; e a eles se acha confiada a tarefa de desviar para as diversões úteis ao corpo e ao espírito esta mocidade, outrora criada em preceitos rígidos e agora sempre ávida de sensações requintadas, que as cidades cada vez mais traem para a boemia com todos os seus encantos de refinado sybaratismo. Os moços pelos desportos se regeneram. Não há quem se afoite a lhes negar os benefícios por este lado (p. 64).

Mesmo apresentando certa popularidade na virada do século XIX, o esporte não se constituía como a prática predominantemente na Educação Física brasileira. A ginástica apresentava-se até então como a prática hegemônica em virtude do seu respaldo científico e da sua forma de inserção no país, através das propostas médicas e militares.

Após a Segunda guerra Mundial, ocorre um avanço impressionante das práticas esportivas no Brasil e nos países sob a influência européia (o esporte moderno apresenta características que enquadram nas conseqüências impulsionadas pela modernidade observadas por Giddens. Desta forma, estudos específicos poderiam enfocar a conexão do esporte com os mecanismos de desencaixe dos sistemas sociais ou uma abordagem mais ampla envolvendo as características provenientes dos processos de globalização. GIDDENS, 1991).

No Brasil, Alguns fatores contribuíam para este fenômeno, como a maior urbanização e o crescimento dos meios de comunicação de massa (BRACHT, 1992). Este avanço pode ser identificado com a criação de veículos informativos específicos sobre esportes na

década de 30 (LOPES, 1994) ou então pela visibilidade social que este fenômeno encontra no cotidiano da população, tendo como forma ilustrativa a criação de torcidas organizadas de futebol na década de 40 (TOLEDO, 1996). Um outro fator foi a postura do Estado centralizador da época em controlar as associações esportivas através de uma organização central. Isso permitiu ao Estado veicular seu discurso ordeiro (segundo BAUMAN (1997); a ordem moderna baseava-se numa crença não-ambivalente e não-aporética, em uma ordem que se imaginava única e capaz de resolver os conflitos inerentes a ela. O autor afirma que a resolução da ordem foi uma das tarefas impossíveis que a modernidade tentou enquadrar, dessa forma, a *ordem como tarefa a ser viabilizada* (BAUMAN, 1999)).

Esta tentativa e, sobretudo, a crença da modernidade de viabilização deste projeto é mais bem explicitada pelo autor ao dizer que:

A ordem é o contrário do caos; e este o contrário daquela. Ordem e caos são gêmeos modernos. Foram concebidos em meio à ruptura e colapso do mundo ordenado de modo divino, que não conhecia a necessidade nem o acaso, um mundo que apenas era, sem pensar jamais em como ser (p. 12).

A preocupação em ordenar o mundo através das ações, sobretudo planejadas, apresenta-se como uma marca da modernidade e pode ser demonstrada, também, através dos esforços empreendidos em torno d instrumentalização do corpo como forma de ordenação social, visando um progresso linear, pois através da ordem, previa-se uma evolução natural da sociedade (BAUMAN, 1999), pelos meios esportivos, enfatizando, assim, sua função de *jardineiro*, como ilustrado por BAUMAN (1999). O discurso estatal salientava os aspectos educativos de saúde e de confraternização para legitimar sua intervenção no setor. Mais especificamente em relação à Educação Física foram os aspectos educativos e de saúde que propiciaram a crescente inserção esportiva no meio escolar (BRACHT; 1997).

LOVISOLO (1997) ressalta, também, que o estilo urbano e sedentário das sociedades modernas *demandaria a promoção da atividade corporal em benefício da saúde física e mental e tendo como horizonte a nação e o Progresso* (p. 07). O mesmo autor enfatiza que tanto a

ginástica como os esportes foram inseridos nestas propostas. Nesse sentido, LOVISOLO (1997) lembra que:

Os especialistas passaram a formular propostas de intervenção nesse mundo amplo e diferenciado: regime alimentar e de sono, roupas, cosméticos, atividades corporais, recreação, sexo e tantas outras esferas de atividades foram reguladas por suas intervenções geralmente fundamentadas em conhecimentos ditos científicos [...] Em termos de legitimação, a linguagem da moral ou da norma e a do utilitarismo ou da prática foram acionadas para se construir argumentos a favor da atividade corporal e do esporte enquanto moralizadores e utilitários [...] Assim, durante bastante tempo, moral e economia foram bases para a intervenção da educação física. A intervenção sobre os corpos foi, e ainda é predominantemente moral e econômica (p. 07).

Dentro das tradições da educação Física brasileira, o esporte é encarado numa perspectiva de rendimento, resultando, assim, uma ênfase no condicionamento corporal. Ao privilegiar o rendimento esportivo, a Educação Física opera como um fator excludente, visto que somente corpos ágeis e fortes propiciarão estes objetivos formulados. BRACHT (1999) ao analisar esta passagem da ginástica para o esporte como conteúdo predominante na Educação física diz que:

Como os princípios eram os mesmos e o núcleo central era a intervenção do corpo (máquina) com vistas ao seu melhor funcionamento orgânico (para o desempenho atlético-esportivo ou desempenho produtivo), o conhecimento básico/privilegiado que é incorporado pela educação Física para a realização de sua tarefa continua sendo o que provém das ciências naturais, normalmente a biologia e suas mais diversas especialidades, auxiliadas pela medicina, como uma de suas aplicações práticas (p. 76).

Os processos reflexivos inerentes à modernização propiciam novas formas de entendimento em relação ao esporte e ao corpo. No contexto da alta modernidade, o aspecto estético começa a ser ressaltado. Nesse ínterim, o gosto passa por um maior reconhecimento. Isso não significa que a base

moral e utilitária esteja sendo negligenciada na alta modernidade, mas sim, que a base estética também floresce neste contexto (LOVISOLO, 1997).

O corpo desportista: da ênfase disciplinar à pluralidade estética

Como visto, a modernidade impôs diversas transformações em relação às sociedades tradicionais. Num mesmo sentido, as transformações iniciadas na modernidade simples e suas constantes renovações de conhecimento impõem mudanças no interior da modernidade, contribuindo, assim, para o atual contexto denominado alta modernidade. GONÇALVES (1999), relacionando o esporte com essas mudanças, diz que:

Considerando a vertiginosa expansão das imagens e informações acerca de práticas esportivas no mundo globalizado, não há como desconectá-las de todo processo de transformação pelo qual passam as sociedades contemporâneas. Proliferação de novas formas de sociabilidade, revolução tecnológica sem precedentes, aumento assustador das desigualdades sociais, novas formas de identidades, emergência de novos campos de conflito, egocentrismos neotribalismos e assim por diante. Enfim, tudo isto perpassa as práticas esportivas neste final de século (p. 93).

As formas de comunicação, na alta modernidade, apresentam-se como fatores imprescindíveis na expansão das imagens e informações esportivas em diferentes pontos do planeta. Mas a pluralidade estilística imposta pelos meios de comunicação, na alta modernidade, impõe também a necessidade de novas abordagens perante o fenômeno esportivo e as implicações desta prática num mundo que se vislumbra mais reflexivo. Dessa forma, o esporte insere-se também num processo de busca de novas formas de sociabilidade, de relação com o outro, de um diálogo mais aberto com as diferentes formas de estilos de vida. O esporte mantém suas tradições, mas se insere num amplo campo de escolhas oferecido aos indivíduos dentro das limitações contextuais em que estão se realizando tais processos. O corpo esportista, nesse contexto, abre-se para novas formas de atendimentos e possibilidades. Os sujeitos

passam a sentir o corpo no esporte não apenas em seu aspecto disciplinar e de adestramento, mas inserido em decisões estilísticas, reflexivas, ligadas a novas percepções corporais que extrapolam a visão instrumental-utilitária.

Aliado aos processos de comunicação da alta modernidade, um outro fator que colocou para a emergência dessa pluralidade estilística foi alguns movimentos sociais nas décadas de 60 e 70 que contribuíram para uma diversidade das práticas esportivas. Dentre esses movimentos podem ser citados os do...

Fitness [que inclui a aeróbica e a musculação], o movimento ecológico, 'novos' jogos (como o frisbee e jogos cooperativos), artes marciais como o aikidô e exercícios meditativos como a ioga e o tai-chi (BETTI, 1999, p. 400).

Esses movimentos ampliaram as atividades esportivas para um número maior de pessoas, ao mesmo tempo em que possibilitaram uma maior adequação destas práticas aos estilos de vida presentes na alta modernidade. Um outro que parece ilustrar este contato entre esporte e pluralidade estilística da alta modernidade é a relação entre opções religiosas e o fenômeno esportivo. O estudo de LOVISOLO & LACERDA (1999) mostra a interconexão entre modos de conduta religiosa com as práticas esportivas de alto rendimento. Este estudo baseou-se na carreira de Phil Jackson, treinador vitorioso no basquete profissional norte-americano. Segundo LOVISOLO & LACERDA (1999), este treinador *torna-se um predicador que utiliza os recursos modernos para educar de acordo com os valores de sua fórmula espiritual pessoal, aplicando-os ao basquetebol [...] (p. 84).* Neste sentido, o corpo não é encarado simplesmente como uma máquina, perpassando por escolhas reflexivas dos atores sociais em suas interações.

Os reflexos dos movimentos sociais das décadas de 60 e 70, no esporte, também são ilustrados através do crescimento *diálogo* entre as práticas esportivas e as chamadas minorias num contexto que se tenta afirmar como pluricultural. O esporte atual comporta com mais facilidade grupos que até então estavam pouco inseridos nestas atividades. GONÇALVES (1999) mostra que

Os deficientes físicos [...] passaram a exigir respeito e reconhecimento de suas potencialidades. As mulheres que

reivindicaram [...] direitos de dispor do próprio corpo. Grupo de idade [3ª idade] [...] conquistando formas mais humanas e respeitadas de tratamento (p. 96).

Ainda segundo o autor, esse enfoque esportivo permite um maior contato com o *outro*, propiciando atitudes de tolerância em relação às minorias, ao diferente.

Embora entendamos que este fato exacerba-se nas sociedades atuais em virtude dos processos inerentes à modernização reflexiva, aliada aos seus processos de individualização,

Dentre as práticas sociais, o esporte se destaca por ser aquela que, há muito, teve de enfrentar o desafio de aglutinar grupos de diferentes composições sociais e culturais (GONÇALVES, 1999, p. 94).

O esporte permite, em muitas situações, este encontro de grupos deferentes em locais específicos proporcionando aquilo que GIDDENS (1989) chama de condições de co-presença. O corpo maquínico meticulosamente moldado no mundo esportivo não é presença única nas variadas práticas presentes na alta modernidade.

Um movimento em especial, o movimento pela saúde, parece manter um cinto entre diferentes grupos neste contexto a que nos estamos referindo. Segundo LOVISOLO (1997), *o movimento pela saúde procura: alongar a vida, estabelecer uma vida saudável e ativa e promover uma vivesse em atividade (p.13).* Ele se apresenta, de uma certa forma, como um apelo moral relacionado a valores estéticos. O autor demonstra que os apelos morais do movimento pela saúde estão baseados no autocontrole, que ressalta uma relação saudável com o próprio corpo. A busca de uma estética corporal, presente nesse movimento, também se relaciona, com a questão do autocontrole. A estética esportiva, ao mesmo tempo em que propicia um diálogo com grupos diferenciados, com uma diversidade de estilos, ressalta o seu aspecto propiciador para uma vida saudável. Dessa forma, salienta uma determinada estética corporal...

Com baixo percentual de gordura e sem concentrações, com músculos definidos, embora não necessariamente aumentados. Há silhuetas que são apresentadas como estéticas e outras, antiestéticas (LOVISOLO, 1997, p. 14)

O vínculo com o autocontrole insere esse fato com um ponto salientado por GIDDENS (1997) em relação à alta modernidade que é a questão dos vícios. Eles podem aparecer sob a forma de falhas morais (descuidar do próprio corpo, ou uma busca excessiva para adquirir uma estética considerada apropriada que poderia acarretar uma agressão contra o próprio corpo como exemplo, a anorexia) (LOVISOLO, 1997 e GIDDENS, 1997).

O esporte, para um praticante comum, pode-se apresentar como uma postura reflexiva do indivíduo frente a decisões que lhe são colocadas na alta modernidade. Apresenta-se como uma atividade criadora que reforça a reflexividade na busca de um processo de autonomia, mesmo estando imbricado nas relações sociais globalizadas impostas na atualidade. Ao mesmo tempo, a prática esportiva pode propiciar um diálogo ou mesmo uma posição de mero consumidor do estilo esportivo poderia reforçar um processo de heteronomia (BAUMAN, 2000), um declínio de reflexividade. Entendemos que o esporte pode construir com uma postura mais reflexiva dos atores em relação aos seus corpos que se apresenta como uma das características da alta modernidade.

GIDDENS (1997) salienta também que as tradições na alta modernidade, diferentemente do período tradicional em que seus discursos apresentavam-se unissonos, devem abrir-se para o diálogo. Ou seja, elas não reinam soberanas como nos diversos contextos das sociedades tradicionais em que se apresentavam como uma espécie de *verdades inquestionáveis*. Nos tempos atuais, as tradições convivem com outros discursos, estilos, as tradições convivem com outros discursos, estilos, modos de vida plurais. Segundo GIDDENS (1997)

As tradições só persistem na medida em que se tornam passíveis de justificação discursiva e se preparam para entrar em um diálogo aberto, não somente com as outras tradições, mas com modos alternativos de fazer as coisas (p. 129).

Um dos pontos centrais da tese de Giddens, em relação à alta modernidade, envolve a noção de reflexividade. Reflexividade, necessariamente, refere-se aos sujeitos na teoria *giddensiana*. Para GIDDENS (1997), o projeto reflexivo do eu é uma característica

básica da vida cotidiana na alta modernidade. De acordo com o autor:

É a forma especificamente reflexiva da cognoscitividade dos agentes humanos que está mais profundamente envolvida na ordenação recursiva das práticas sociais. A continuidade de práticas presume reflexividade, mas esta, por sua vez, só é possível devido a continuidade de práticas que as tornam nitidamente 'as mesmas' através do tempo e do espaço. Logo, a 'reflexividade' deve ser entendida não meramente como 'autoconsciência', mas como o caráter monitorado do fluxo contínuo da vida social (GIDDENS, 1989, p.02).

A alta modernidade reflexiva tanto gera barreiras quanto pode propiciar a autonomia. No que se refere às barreiras a um projeto reflexivo, esse sociólogo diz que vivemos em um mundo onde as pessoas podem tornar-se viciadas *em qualquer coisa*; inclusive no esporte, as significações corporais, diretamente conectadas com o mundo social, também constituem este processo. O rebatimento deste fenômeno no corpo dos sujeitos pode ser ilustrado na obra do autor ao referir-se a anorexia. Para GIDDENS (1997), a anorexia é um entre outros vícios relacionados à alimentação (p. 90). Esse vício aparece aqui no presente texto como um empecilho a um projeto reflexivo, a um projeto de autonomia do indivíduo. A modernidade apresenta *uma inclinação emocional para a repetição*, mas, agora, sem as certezas provenientes da tradição (neste ponto, as abordagens de Giddens apresentam algumas diferenças em relação à abordagem de Bauman, visto que neste último, a modernidade tradicional seria caracterizada por uma fase disciplinar e repressiva. Já GIDDENS (1997) vincula a modernidade tradicional com *uma urgência motivacional, despojada das estruturas tradicionais que relacionavam o esforço com a moralidade (p. 89)*). Segundo ele:

O passado continua vivo, mas, em vez de ser reconstruído de modo ativo de acordo com a tradição, tende a dominar a ação quase de um modo semicausal. A compulsividade, quando socialmente generalizada, é, na verdade, tradição sem tradicionalismo: repetição que se põe no caminho da autonomia, em vez de estimulá-la, Freud falou de obsessão ou compulsão; hoje em dia, falamos mais comumente de vícios (p. 89).

Um outro exemplo do vício na alta modernidade é a utilização de anabolizantes, tanto para aumentar a performance esportiva como para modelar o corpo, como pode ser observado nos praticantes de *body building*. Esse último reflete um culto exacerbado ao corpo, que envolve tanto disciplinamento quanto prazer.

O vício, muitas vezes, é explicado em termos filosóficos ou então psicológicos, mas na análise que estamos desenvolvendo, este fenômeno não pode ser desconectado de seus aspectos sociais. O depoimento de um tri-atleta (Fernanda Keller – praticamente de triatlon) chama atenção: *Eu me sinto mal se não corro durante o dia* (Programa Sem Censura – TV Cultura – 10/08/98). Pode-se relacionar essa afirmação, simplesmente com suas conexões com a fisiologia, mas também reflete uma postura comum na alta modernidade. Em relação aos aspectos sociais, esta afirmação, ao mesmo tempo em que pode denotar uma postura reflexiva sobre a necessidade de exercícios físicos, pode denotar também uma postura *mecânica*, ou seja, um vício que poderia impedir uma postura reflexiva em relação ao próprio corpo. Como aponta GIDDENS (1997):

[...] o fato de hoje podermos nos tornar viciados em qualquer coisa – qualquer aspecto do estilo de vida – indica uma real abrangência da dissolução da tradição [...] O progresso do vício é uma característica substantivamente significativa do universo social pós-moderno, mas é também um ‘índice negativo’ do real progresso de destradicionalização da sociedade (p. 91).

Num ambiente mais reflexivo do que nas sociedades tradicionais e da própria modernidade simples, o vício pode representar uma não abertura ao diálogo com posturas divergentes ou com grupos diferentes. Torna-se um *fechamento* em si mesmo, visto que também não interage com as sucessivas reciclagens do conhecimento.

Embora GIDDENS (1997) entenda os vícios como um empecilho à autonomia, ele não deixa de ser considerado como uma escolha individual nos contextos modernos. Para o autor, as escolhas individuais são constituintes da alta modernidade e essas escolhas em Giddens podem ser identificadas com o processo de individualização na modernidade

reflexiva abordado por LASH (1997). No entanto, Giddens ressalta que estas escolhas não podem ser desconectadas dos processos estruturais mais gerais. A modernidade e as instituições mais reflexivas permitem um aparecimento de sujeitos com maior capacidade de reflexividade. Dessa forma, o realce individual em GIDDENS (1997) não significa descontextualização, estando os indivíduos inseridos em relações sociais que envolvem poder. Segundo ele, pode-se considerar os vícios como uma opção ou escolha dentro de um contexto plural e que impõem tomadas de atitudes no cotidiano. Contudo, não se deve esquecer que estas escolhas estão inseridas numa relação social que escapa ao controle dos indivíduos.

Muitas de nossas atividades cotidianas, na verdade, tornam-se abertas à escolha ou, ao contrário, como já expressei anteriormente, a escolha tornou-se obrigatória [...] Analiticamente, é mais preciso afirmar que todas as áreas da atividade social bem a ser governadas por decisões [...] Quem toma essas decisões, e como, é fundamentalmente uma questão de poder [...] Por isso, a abertura da vida social à tomada de decisão não deve ser identificada ‘ipso facto’ com o pluralismo; é também um meio de poder e de estratificação (p. 95).

GIDDENS (1997) faz algumas definições entre escolhas e decisões individuais. As escolhas individuais não podem ser identificadas, na teoria da estruturação, como um simples culto ao hedonismo, propiciadas pelas sociedades pós-modernas (LIPOVETSKY, 1989), mas estas escolhas envolvem disputas e estratificações de poder em determinados contextos.

Nota-se, na atualidade, uma diversificação e uma pulverização das práticas esportivas, fazendo com que haja uma maior descentralização (em relação às organizações e federações esportivas) das definições conceituais em torno desta prática (BRACHT, 1997). Tal fenômeno foi propiciado, em grande parte, pelo desenvolvimento da comunicação de massa e a revolução do consumo com sua pluralidade estilística. Esse fenômeno acarretou também na criação de grupos de afinidade miniaturizados, caracterizado, assim, uma busca de personalização estilística

(LIPOVESKY, 1989). O autor referindo-se ao esporte mostra que este fenômeno...

Assiste à proliferação das práticas livres de cronômetro, de confronto, de competição, e que privilegiam o treino livremente escolhido, a sensação de planar, a audição do corpo (jogging, windsurf, ginástica suave, etc.); o desporto é reciclado através da psicologização do corpo, da total tomada de consciência de si, do livre curso aberto à paixão dos ritmos individuais (p. 21).

Já LOVISOLO (1997) afirma que a estática, a *linguagem do gosto*, tem aumentado sua importância em relação às noções de norma e utilidade vinculadas à cultura esportiva. Isso não implica numa exclusão dessas duas últimas noções na atualidade, mas que a estética aumenta sua contribuição na constituição do corpo desportista. Essas diferentes noções tencionam-se nos contextos da alta modernidade.

MAFFESOLI (1996) também identifica nos corpos contemporâneos uma ênfase na aparência, a qual viabiliza processos de comunicação entre os indivíduos. Aparência e comunicação inserem-se na abordagem estilística da alta modernidade. Esta ênfase na aparência também é observada por POCIELLO(1995) ao analisar a *estetização dos gestos esportivos* nas duas últimas décadas.

Uma das características do corpo esportista é a sua inserção na reflexividade institucional, característica da alta modernidade, produzindo saberes variados em relação ao corpo e às posturas reflexivas dos sujeitos em relação a suas escolhas estilísticas individuais que se visualizam nas aparências corporais e no tratamento reverenciado ao corpo nestes contextos.

As análises desenvolvidas nesse texto permitiram elaborações e indagações referentes ao corpo desportista. Tais aspectos mostram que as ambivalências constatadas na modernidade atual evocam dois fortes olhares dos sujeitos sobre seu corpo. O outro olhar respalda um culto à fragmentação corporal, cultivado primordialmente pela instituição mercado. Um olhar estético do sujeito em relação ao seu corpo parece estar presente nessas duas visões. Porém, até que ponto a estética vai incidir sobre a reflexividade dos sujeitos nas suas interações sociais? Outros

estudos poderão, a partir dessas indagações, colaborar para uma análise mais complexa do corpo desportista na alta modernidade.

Referências

- AZEVEDO, Fernando de. *A poesia do corpo ou a ginástica escolar: sua história e seu valor*. Belo Horizonte: Imprensa oficial do Estado de Minas Gerais, 1915.
- BAUMAN, Zygmunt. *Ética pós-moderna*. São Paulo: Paulus, 1997.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. *Em busca da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BETTI, Mauro. TV a cabo: maximização do esporte telespetáculo. In: *Anais do XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte*, Florianópolis, UFSC, vol. 21, nº 1, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BRACHT, Valter. *Educação Física e aprendizagem social*. Porto Alegre: Magister, 1992.
- BRACHT, Valter. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. Vitória: UFES, 1997.
- BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. *Cadernos Cedes – corpo e educação*, Campinas/SP, nº 48, 1999.
- FULT, Michel. *Microfísica do poder*. 11º ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- GOMES, Ivan Marcelo. *O corpo desportista moderno: disciplina e reflexividade na instituição acadêmica brasileira*. Recife, 2000. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Sociologia – Universidade Federal de Pernambuco.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Unesp, 1993.
- GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: BECK, U.; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Unesp, 1997.

- GIDDENS, Anthony. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. Tempo/espaço dos sujeitos socioculturais na Educação Física/Ciências do esporte: uma perspectiva sociológica. In: *Anais do XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte*, Florianópolis, UFSC, vol. 21, nº 1, 1999.
- HELAL, Ronaldo. *O que é sociologia do esporte*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 13, nº 23, 1999.
- LASH, Scott. A reflexividade e seus duplos: estrutura, estética, comunidade. In: BECK, U.; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na rodem social moderna*. São Paulo: Unesp, 1997.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio*. Lisboa: Antropos, 1989.
- LOPES, José Sergio Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada: a invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro. *Revista USP – Dossiê futebol*, São Paulo, nº 22, 1994.
- LOVISOLO, Hugo. *Educação física: arte da mediação*. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.
- LOVISOLO, Hugo. *Estética, esporte e educação física*. Rio de Janeiro: Sprint, 1997.
- LOVISOLO, Hugo e LACERDA, Yara. Reencantando as quadras: basquete e espiritualidade. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 13, nº 23, 1999.
- MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- MELO, Victor Andrade de. O mar e o remo no Rio de Janeiro do século XIX. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 13, nº 23, 1999.
- POCIELLO, Christian. Os desafios da leveza: as práticas corporais em mutação. In: SANTÁNNA, Denise Bernuzzi de (org.). *Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desafios. *Revista USP – Dossiê Futebol*, São Paulo, nº 22, 1994.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.
- VAZ, Alexandre Fernandez. Do culto a performance: esporte, corpo e rendimento. In: *Anais do XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte*, Florianópolis, UFSC, vol. 21, nº 1, 1999.